

FORMAÇÃO FREUDIANA

Rio de Janeiro - RJ

MAL-ESTAR NA CULTURA E A ÓTICA
NEOLIBERAL:

uma reflexão

Profa. Andrea Junqueira

Prof. Alexandre Costa

Prof. Marcelo Cobucci

Raquel Franco

Formação Freudiana em psicanálise, agosto/ 2021

INTRODUÇÃO

“Presumimos que somos livres, mas na realidade nos exploramos apaixonadamente até entrarmos em colapso.”

Byung-Chul Han

Após meados da década de 70 do século passado com o avanço de políticas neoliberais ao redor do globo, o sujeito passa a lidar com um afã por “resultado”, “eficiência” e “desempenho” como vocabulário constante de seu cotidiano, comercializando a ideia de insuficiência do ser, de que é preciso sempre fazer mais até o esgotamento mental. Das doenças do nosso tempo líquido, como classificava a virada do século XX para o XXI Zygmund Bauman, a doutrinação da não suficiência é a sobrevida do mote de consumo infinito que a era do capital impõe ao ser.

O neoliberalismo traz enfoque ainda maior sobre a racionalidade econômica como a única possível – fruto da predominância dos ideais burgueses pós-iluministas, terreno mais do que fértil para imposição da doutrina liberal como unificadora do pensamento econômico durante o período pós- revolução industrial, que mudou a maneira do ser de se relacionar com o meio, o outro e sua rotina, bem como a construção de sua subjetividade que passa a ser estruturada pela ótica da mercantilização da vida em todas as esferas do viver.

A realidade que nos atravessa torna o ser humano empreendedor de si mesmo – o *“homem de desempenho”* que todos nos tornamos segundo Byung-Chul Han em seu ensaio Sociedade do Cansaço – logo, sua subjetividade é construída alicerçada no conceito de produtividade ininterrupta em cada aspecto da vida, a todo tempo, inclusive no foro íntimo. O narcisismo impera, fazendo com que o sujeito invista sua libido constantemente em sua própria subjetividade, tornando-se um cumpridor de metas concentrado principalmente em obter a confirmação de si mesmo por meio do sucesso.

Somos produtores e produto ao mesmo tempo; nossas libidos são essencialmente investidas em nossas subjetividades como método de valoração econômico: o *“sujeito de desempenho”* de Han traz a moralidade econômica como método de validação pessoal. Tudo se transforma em uma fruição de consumir, não apenas objetos, mas também afetos e a maneira de nos relacionarmos com eles. Emoções e o sentir são dominados por uma espécie de imposição velada da positividade que afeta a maneira como o sujeito se relaciona consigo e com o outro; na clínica da “psicologia positiva” não existe espaço para a dor, o luto e o sofrimento.

NEGAÇÃO DO MAL-ESTAR E COAÇÃO DO DESEMPENHO

O ser nega o mal-estar, condição intrínseca de se existir como sujeito na cultura segundo Freud, buscando uma constante sensação de felicidade que se mostra irrealizável: “O que chamamos de felicidade, no sentido mais rigoroso, provém antes da repentina satisfação de necessidades altamente represadas e, de acordo com a sua natureza, só é possível enquanto fenômeno episódico.”¹

Negar o mal-estar, inerente ao humano na vida coletiva, eliminando a dor, o sofrer, a negatividade da alteridade e a discordância suprime a possibilidade de conflitos e rupturas gerando repressão e recalçamento de dores, raivas e angústias – sentimentos não legitimados na *era da positividade a - qualquer- custo- tóxica*. Evita-se o desconforto para que a prevalência do igual predomine e assim, somos estimulados a desaprendermos a lidar com conflitos e discordâncias, com as diferenças do outro nos encasulando em nós mesmos em busca de um pretensão “autoaprimoramento” até a exaustão.

Este esforço de esgotamento nos leva a questionar quais os motivos que levam o sujeito a procurar a análise hoje; reconhecer e elaborar seus conflitos ou uma busca ansiosa de autoconhecimento e também autoaperfeiçoamento como a atual dinâmica social sorrateiramente nos constrange a fazer? A coação de desempenho força o sujeito a produzir cada vez mais e enxergar o viver sob a égide do utilitarismo; tudo que o cerca precisa servir a um “fim útil”. O sujeito jamais descansa ou se satisfaz vivendo em constante estado de carência e sentimento de culpa por não alcançar as realizações que uma vida de desempenho lhe outorga.

O sistema passa a responsabilizar o indivíduo por seu “sucesso” ou “fracasso” deslocando questões coletivas sociais para a subjetivação do EU; o conceito de meritocracia tão celebrado pelo sistema neoliberal não permite a existência de sintomas que ele mesmo gera como desigualdade sócio-econômica e perda de saúde mental, na sociedade que só abre espaço para o positivo. O sujeito que introjeta essa ansiedade de realizar se torna inapto para identificar suas dificuldades e conflitos vivendo em uma corrida involuntária contra o tempo para alcançar, realizar e cumprir metas. Como lidar então com os percursos e a noção de tempo no processo terapêutico de análise com um sujeito que busca ansiosamente uma nova versão de si e se abstém de lidar com o desconforto?

*“Queremos ser livres? Acaso não inventamos Deus para não termos que ser livres? Diante de Deus estamos sempre em dívida, somos sempre culpados.”*²

Porém, não é possível ao humano se submeter totalmente à positividade uma vez que a dor é também fundamental para a construção da experiência de maneira integral. A existência da dor não é negada na ótica neoliberal; esta é tolerada apenas como a dor que possa ser explorada em favor da otimização, a que agrega valor e legitima percursos de sucesso. Sucesso este, que está intimamente vinculado ao conceito de consumo.

¹ Freud, Sigmund em *Mal-Estar na Cultura*. Editora Autêntica, 2020- pág. 320-321

² Han, Byung-Chul em *Psicopolítica*. Ed. Âyiné, 2018. Pág. 17

Consumimos emoções, não produtos ou objetos; o sistema neoliberal mexe com a psiquê e traz tudo para o campo dos afetos como linguagem de comunicação que se relaciona diretamente com o senso de valor do capital. A vida é mensurada e quantificada; números, dados e metas são fetichizadas e sexualizadas em diversas áreas do viver (números de curtidas em redes sociais, de calorias, de nutrientes, de fármacos, CID de doenças e etc) e acaba sendo posto em prática por meio de uma “energia libidinosa”³. Desejamos e somos desejados; o sujeito passa a se ver então como objeto que deseja e é desejado mas só consegue expressar seu desejo por meio do consumir e ser consumido em um tempo que define as relações de desejo na velocidade do tráfego de múltiplas informações que recebemos pelos meios digitais.

Na era digital, a noção de tempo do sujeito é atravessada pelo barulho de informações que nos são oferecidas constantemente não permitindo que haja espaço vazio a ser preenchido pela reflexão e o recolhimento no silêncio; pois para o sistema neoliberal, o silêncio, o ócio e a reflexão se tornaram vazios que precisam ser preenchidos pois sem o preenchimento se tornam vazios sem utilidade consumível.

DITADURA DA POSITIVIDADE E AUTOEXPLORAÇÃO

O sujeito que consome, mas também é objeto de consumo, não acredita mais ser subjugado, se vê como projeto em constante reinvenção e redesenho gerando uma compulsão por otimização de si; a autoexploração é a maneira mais eficaz de manter o sujeito engajado no sistema por vender a ideia de *liberdade*. A lógica da sociedade neoliberal de conquistas é a exploração ser introjetada como *liberdade*; a *liberdade* como imposição e método de viver cria o ambiente propício para o surgimento de uma sociedade que impõe a positividade, o individualismo e o conceito de *self-made man* (o sujeito como único responsável sobre a possibilidade de um viver “bem-sucedido” de acordo com os valores mercantilizados do sistema) como único meio possível de existir.

Na sociedade da ditadura da positividade é negado espaço ao conflito; a dor, constitutiva da experiência, é coibida e impede que os sujeitos usem a negatividade como espaço catártico de ruptura e transgressão. A desautorização do luto é a negação da pulsão de morte (Tânatos) que acaba por coibir também a pulsão de vida (Eros)⁴. Encurralado nesse dilema, o sujeito desmorona em si mesmo, submerso por uma realidade na qual os afetos se transformaram em um arranjo de sentimentos consumíveis. Na ótica neoliberal o sofrimento passa a integrar os ideais de progresso e prosperidade, logo, o sofrer passa a ser produzido e administrado em doses para aumentar o desempenho, eficiência e eficácia do sujeito; vemos então surgir o sofrimento funcional, *com um fim útil*, que por baixo do verniz de *utilidade* encobre um conflito entre libido e narcisismo se tornando a forma de vida imaginada e possível no agora.

Experienciar novas formas de sofrer como parte fundamental do percurso de sucesso é o ser em seu esgotamento máximo que desenvolve uma nova onda de patologias sociais

³ Idem item 2 – Pág. 83

⁴ Dunker, Christian em A Hipótese Depressiva. Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. Ed. Autêntica, 2021.

como burnout, depressão, fobias sociais e paralisia de sua capacidade analítica pela enorme quantidade de informação e pressão que o sujeito é submetido sem conseguir assimilar, digerir e elaborar as questões que vão surgindo pelo caminho. O novo modelo de sociedade do neoliberalismo se torna então a Sociedade do Cansaço, na análise de Byung-Chul Han.

SOCIEDADE DO CANSAÇO, CULPA E VIDA DIGITAL

Na sociedade do cansaço o sentimento de culpa é essencial para dominar as relações do ser com sua própria subjetividade. Freud atribui à consciência de culpa o conflito entre a necessidade de ser amado pela autoridade externa (nesse caso o outro que estrutura nossa imagem no sistema) e a pressão para a satisfação pulsional (que a inibição como condição primeira de existir na cultura leva a inclinação para a agressividade – pulsão de destruição).⁵

Sem meios para extravasar essa agressividade a compulsão de destruição leva o sujeito a absorver suas angústias reprimindo-as e fazendo desta repressão uma propulsão para a ascensão do egoísmo, da atomização e do narcisismo exacerbado, encontrando na expansão do meio digital um meio de reprodução dessa fantasia de viver. Em nossa existência nas mídias digitais estabelecemos um ritual coletivo individualista; uma ritualística de comunidade que não gera necessidade de comunicação, apenas de exposição: a comunicação em uma ambiência de projeção comunitária, no entanto, sem o comunal, o comum, a comunidade em si.

Desde o fordismo e a criação das linhas de produção o sistema paulatinamente vem nos objetificando para nos tornarmos um produto padronizado, homogeneizado, uma imagem a ser comercializada em larga escala; o frenesi neoliberal por otimização aliado ao culto a imagem da comunicação digital nos mergulha em um universo de múltiplas imagens que se desenrolam no passar dos dedos pela tela formando um imenso ruído que nos fez desaprender a estarmos em silêncio, a contemplar, a esquecermos que nem tudo precisa ser transformado em linguagem, nem tudo precisa existir para ser consumido. No afã por consumo esquecemos nossos recursos naturais, individuais e comunitários, para enfrentarmos o sofrimento, que nos é negado pelo existir que apenas vislumbra o positivo como máscara apropriada de enfrentamento da realidade. Os afetos, as trocas, as conversas, a empatia, os encontros perdem suas funções acolhedoras do sofrer e passam a figurar como instrumentos de negociação do viver na era da imagem da vida digitalizada.

“O neoliberalismo é o capitalismo do curtir.”⁶

No espectro neoliberal o *homo oeconomicus* se funde com o *homo digitalis* cuja forma de produção utiliza modos imateriais e incorpóreos por meio de objetos intangíveis (informações); produz-se “conteúdo” e forma abstratas de ser, na era da ascensão da opinião e do declínio dos fatos o sofrimento psíquico ganha nova roupagem. A psicanálise trouxe uma definição de sofrimento psíquico na expressão de nossos conflitos, questões e paradoxos do processo de socialização e formação de identidade do sujeito trazendo a dimensão dos custos do processo civilizatório a que somos submetidos na busca por formas de viver na sociedade estruturada em torno do capital.

⁵ Freud, Sigmund. O Mal – Estar na Cultura e outros escritos. Ed. Autêntica, 2020.

⁶ Han, Byung Chul. Psicopolítica. Editora Âyiné, 2018.

CONCLUSÃO

A ótica neoliberal inicia uma era de esgotamento do sujeito que imbuído do ideário de otimização pessoal constante vive ciclos ininterruptos de busca por autoaprimoramento. Nesse ínterim os discursos se voltam para *discursos de cura* trazendo o enfoque para a psiquê e *métodos de cura terapêutica* muito explorados desde o final da década de 70 do século XX pelo neopentecostalismo, com a cooptação da linguagem das *práticas de cura* das psicoterapias para a religiosidade; a chamada terceira onda do neopentecostalismo de resultados.⁷

Podemos atribuir uma quarta onda com o frenesi da cura terapêutica nas linguagens das terapias holísticas e espiritualistas, que vendem a ideia de curar e transformar em nome da eficiência de desempenho: uma nova forma de subjetivação que é absorvida pelo sujeito em meio a infinitos discursos motivacionais que trazem em si cartilhas de otimização infinita na obsessiva busca contínua de aprimoramento do eu. As ameaças negativas cedem espaço aos estímulos positivos mergulhando o ser em uma espiral de aperfeiçoamento inalcançável. Aperfeiçoamento este, embalado em uma estética de pensamento hegemônico positivo que nega espaço para o negativo, a ausência, o excesso de cobrança e traz esgotamento mental e adoecimento psíquico na forma dos já citados transtornos depressivos, burnout, borderline, entre outros, e coloca em xeque como pensa e funciona o sujeito no século XXI. Doenças mentais expressam possibilidades universais do sujeito e a maneira de manifestar os conflitos de identidade e de estar no mundo possuem nos *sintomas* uma linguagem de exposição única:

*“Em outras palavras, um sintoma é um fragmento de liberdade perdida, imposto a si ou aos outros. Por isso, há algo que concerne a todos, de maneira universal, em cada uma das formas particulares de sofrimento. Assim, a normalidade é apenas normalopatia, ou seja, excesso de adaptação ao mundo tal como ele se apresenta e, no fundo, um sintoma cuja tolerância ao sofrimento se mostra elevada.”*⁸

Freud há muito observara que uma interrelação se estabelece entre patologias do indivíduo e patologias sociais, para o sistema neoliberal o sofrer é organizado por demanda, e como sinaliza Dunker, “A demanda é um estado de excesso de determinação do desejo, assim como o sofrimento é um estado de excesso de determinação do mal-estar.”⁹ Em meio a tantos excessos que não consegue digerir e elaborar, o sujeito hoje busca na análise, tanto quanto em terapias alternativas e sincréticas religiosas, um espaço de trasbordamento dos conflitos e sentimentos que o sistema lhe proíbe expressar no meio social sem que isso lhe custe estigmatizações, rótulos e críticas demasiado pesadas para se suportar.

Nunca se falou tanto sobre saúde mental e nunca a forma de se relacionar com ela foi tão complexa. Atletas, artistas, profissionais liberais e uma ampla gama de personalidades públicas estão trazendo a saúde mental para o centro do debate em um momento no qual as consequências do sistema neoliberal sobre a saúde mental tem gerado impacto avassalador no funcionamento humano. Até quanto estamos dispostos a mudar um sistema de adoecimento que torna quem a ele se adapta tão adoecido quanto?

⁷ Safatle, Vladimir e outros. Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. Ed. Autêntica, 2020. Pág. 239.

⁸ Dunker, Christian. Mal-Estar, Sofrimento e Sintoma. Ed. Boitempo, 2015. Pág. 32.

⁹ Idem item 9. Pág. 60.

Referências Bibliográficas

Dunker, Christian. *Mal-Estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. Ed. Boitempo. São Paulo. 5ª reimpressão, 2015.

HAN, Byung-Chul. *Agonia do Eros*. Ed. Vozes. Petrópolis, RJ. 3ª reimpressão, 2019.

_____. *No Exame, perspectivas do Digital*. Ed. Vozes. Petrópolis, RJ. 3ª reimpressão, 2020.

_____. *Psicopolítica – o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Ed. Âyiné. Belo Horizonte, MG. 7ª reimpressão, 2020.

_____. *Sociedade do Cansaço*. Ed. Vozes. Petrópolis, RJ. 2ª reimpressão, 2018.

_____. *Sociedade paliativa, a dor hoje*. Ed. Vozes. Petrópolis, RJ. 7ª reimpressão, 2020

_____. *Sociedade da transparência..* Ed. Vozes. Petrópolis, RJ. 4ª reimpressão, 2019.

HANDKE, Peter. *Ensaio sobre o cansaço*. Ed. Estação Liberdade. SP. 1ª edição, 2020.

FREUD, Sigmund. *Cultura, sociedade e religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Ed. Autêntica. Belo Horizonte, MG. 1ª edição, 2020.

SAFATLE, Vladimir, JUNIOR, Nelson da Silva & DUNKER, Christian (Orgs.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Ed. Autêntica, 1ª edição, 2021.